



Heterotopias heterossexuais

da clínica psicanalítica da masculinidade

Marcus André Vieira

Quando se trata do debate sobre a masculinidade, a psicanálise costuma ficar na defensiva. Acusados de heteronormatividade, pelo destaque dado ao falo e ao pai na teoria freudiana, nós, psicanalistas, afirmamos: “Não é bem assim”. Verdade. Afinal, Freud descreveu o modo de subjetivação padrão em seu tempo, o da *normasculina* – segundo o neologismo cunhado por J. Lacan –, mas não conferiu, em nenhum momento, valor positivo a este modo. No entanto, a subjetividade que corresponde à norma, heterossexual, posta no centro da cena de sua teoria, não deixa de incomodar.

Este livro responde a essa inquietação sem se perder, porém, no jogo do ataque vs defesa, e isso graças a uma manobra essencial. Seu autor assume a causa da psicanálise, em nada cis-heteronormativa, mas em vez de colocar a subjetividade masculina em debate, toma-a como objeto de estudo, examina-a no detalhe, no microscópio clínico da própria psicanálise.

Vinícius não deixa de discutir o quanto o masculino se apresenta no registro da opressão e da submissão, mas essencialmente o investiga. Assume, assim, que se trata de uma posição *em* análise e não a posição *do* analista ou *da* psicanálise. Neste movimento, refaz o gesto original de Freud para quem as variações em torno do masculino eram abordadas, em um plano bem concreto, a partir do que se descrevia à época como neurose obsessiva. A tradição freudiana associou esta entidade clínica e suas dores aos tormentos vividos por aqueles conformados como machos – fossem eles tomados como casos patológicos, os neuróticos da época, ou não. Lacan segue o mesmo modo de abordagem, mas rompe explicitamente a relação entre este modo de ser e a anatomia. Desloca a ênfase: se aos nascidos com pênis atribui-se o poder, é esta atribuição que importa, e não o órgão. É o *falo*, nome freudiano das insígnias culturais desta atribuição e deste poder, que conta, e não o pênis. Outros órgãos, inclusive, em tese poderiam desempenhar essa função.

A formalização lacaniana, ao distinguir falo e pênis com rigor, delimita o masculino como um modo de viver e gozar, de estar na partilha dos sexos, longe de qualquer determinação biológica. Haveria os que têm acesso direto ao gozo, por supostamente serem os detentores do falo, e aqueles que acessam o prazer necessariamente passando pelo corpo de outro. Para uns a natureza, cultural, de uma ação direta e individual, para outros a de uma ação necessariamente relacional e coletiva; de um lado os homens, de outro as mulheres. Essa partilha fálica dos sexos se distingue, então, do *falocentrismo*, nome de uma forma social, muito infelizmente comum, de vincular falo e pênis em uma suposição de naturalidade discriminatória e opressora.

Tudo, porém, pode ser tomado a contrapelo. Essencialmente antifalocêntrica, a operação laciana engendrou, em alguns casos, efeitos contrários a suas premissas. Muitos, apoiados em Lacan, tomaram o modo de partilha fálica como o dos seres humanos em geral, necessariamente especificados entre os polos homem-mulher. Alguns psicanalistas passaram a considerar o teatro binário dos sexos como o *standard* subjetivo, em uma perigosa universalização, ainda mais excludente por prescindir da anatomia.

O caminho de Vinícius é outro. Apenas por tomar o masculino como objeto clínico, já nos leva a assumir que pode haver formas de ordenar o desejo que não a fálica. Tomamos, então, posição no debate entre universalismo patriarcal, fálico, e a multiplicidade trans, eventualmente não-fálica. Ao mesmo tempo, podemos avançar com as questões próprias à posição cis-heteronormativa. O que faz uma análise com o modo de vida masculino? Qual destino ela lhe dá?

Para começar, Vinícius opta pelo termo *virilidade* como forma específica de estruturação da subjetividade, apenas uma dentre as possíveis no campo das masculinidades. Dito de outra maneira, existem masculinidades, mas só uma será coordenada pela estruturação da fantasia viril. Torna-se possível, então, uma descrição fina de suas coordenadas.

Contemplar, assim, a posição masculina do ponto de vista do analista permite-nos observar o modo como esta posição se erige a partir de uma exclusão. O masculino se funda em uma maneira específica de descartar determinadas experiências de vida, de vibração corporal, que chamamos com Lacan *gozo*, em um sentido mais amplo, não apenas sexual. Esses gozos excluídos são exatamente aqueles que à época de Freud eram considerados próprios das mulheres, por serem exatamente os de um registro exterior aos prazeres codificados pela *normasculina*.

Deve ser, essa exclusão, necessariamente violenta? O percurso de Vinícius destaca como se trata, para o homem, sobretudo de uma incapacidade de processar a vida quando vem em excesso, tanto em seus parceiros quanto neles mesmos. Este excesso será interdito e mantido fora de cena de modos mais ou menos intensos de acordo com a moralidade vigente. Acompanhamos os detalhes e as idiotias dessa exclusão na própria constituição da virilidade. O macho só alcança experimentar gozos bem concretos ao alcance da mão. No campo da sexualidade, estes gozos concretos são os que costumamos chamar prazer e seu paradigma é o *orgasmo*, entidade com começo, meio e fim bem-marcados. Ele será, então, sempre fálico, quer seja vivido em um corpo anatomicamente feminino ou masculino, a partir do pênis ou do clitóris, por exemplo.

O paradoxo do viril torna-se claro. Os gozos fálicos são corroídos pela impressão, no instante mesmo em que se realizam, de que há algo que ainda não chegou, um gozo a mais, sempre no outro. É o que formaliza Lacan em suas fórmulas da *sexuação*. Este gozo que haveria-se-houvesse é o *Outro gozo*, que não está excluído, apenas inacessível, por isso, chama-o, além de feminino, *opaco*, ou ainda suplementar. Ele não tem começo, nem fim bem definido como o gozo fálico, por isso é dito ilimitado, sem rima, nem razão, sem remédio.

Esse gozo não é eliminado, só permanece como porta continuamente fechada. No entanto, é exatamente essa porta que pode ser abertura. Na travessia do viril-obsessivo em análise, que este livro apresenta, aparece como, desde o princípio, essa abertura já estava lá, apenas o homem, ocupado com suas proezas, não podia vê-la. Dito

em uma fórmula: a análise do macho segue necessariamente em direção ao feminino. Só assim ela pode empreender uma reconfiguração subjetiva no plano do que realmente conta, o corpo e o gozo.

Vinícius opta, então, por só nos apresentar este Outro gozo juntamente com a abertura de seus protagonistas a ele, ao final do percurso analítico, na conclusão do livro. Antes, percorreremos as trapalhadas do masculino com esta vida que não se deixa capturar pelos prazeres ao alcance da mão.

Sim, a paixão pelo gozo fálico pode ser cômica, como o *ridículo* do macho acreditando em seus ídolos e suas estátuas de pés de barro. É como o aborda Lacan em um primeiro momento. Infelizmente, o patético do falo nem sempre vem para o centro da cena, ao contrário, ele costuma ser ofuscado pela violência de sua posição.

Esta violência estrutural reside no necessário *rebaixamento* do objeto para que o prazer masculino se dê. Como o homem se estrutura na crença de uma autonomia soberana, a possibilidade de perder-se de si é angústia, pânico. Ora, quem não pressente que a entrega é parte constitutiva da vida amorosa e que, portanto, o homem necessariamente se engana? Ao contrário de boa parte das mulheres em nossa cultura, nem todos são capazes de correr o risco de se perder de si mesmo sem sucumbir, de jogar com a loucura de uma entrega sem limites e com ela construir pontes. Certamente não o macho. O prazer fálico está em cercar e controlar o acesso ao vulcão, nunca em lançar-se nele. É este paradoxo do gozo macho que se resolve, ao menos em parte, pelo rebaixamento do objeto.

Novamente, em vez de contentar-se com a dicotomia, Vinícius, ao abordar o rebaixamento do objeto amoroso na psicologia do amor a partir do conceito lacaniano de *objeto a*, refrata a função do parceiro em facetas insuspeitadas. A degradação do parceiro empreendida pelo macho consiste em fazer dele sempre um pedaço de corpo, nunca um verdadeiro semelhante, o que pode ir ao feminicídio em muitas culturas, como a nossa por exemplo. Ao mesmo tempo, porém, exatamente por fazer do parceiro um resto, não humano, o promove a algo transcendental. É essa ambiguidade do resto, dito por Lacan *causa de desejo*, sem a qual nada acontece. Não é à toa que Lélia Gonzalez será convocada em diversos pontos do livro. Ninguém revelou melhor essa dupla função do resto em nossa sociedade, destituído de tudo, mas, por isso mesmo, causa de tudo, pondo o mundo em movimento.

A proposição subversiva e genial de Lélia Gonzalez, a de *fazer o lixo falar* em nossa sociedade, pode ser estendida ao feminino. Fazer do feminino fala resume o percurso proposto para o masculino em análise. Para isso, porém, é preciso um consentimento com o Outro gozo, que é aproximado na teoria freudiana com o termo *castração*.

É inevitável o tema da castração quando alguns seres falantes creem poder evitá-la por supostamente terem o falo. Possível? Na retomada da teoria lacaniana da castração que Vinícius empreende, demonstra-se como ela, longe de ser perda, é a presença de uma negatividade estruturante, falta que faz desejar. O macho quer mantê-la e não afastá-la – supremo paradoxo –, pois nada saberia ser sem ela. A solução será manter-se permanente em luta para vencer a castração e eliminar o resto, mantendo-se, ao mesmo tempo, cuidadosamente longe de da possibilidade de uma vitória. Muito barulho por nada é, aqui, desde Shakespeare, o lema.

A análise evita esse paradoxo ao caminhar em direção ao gozo Outro, que sempre esteve ali, apenas desde sempre excluído. Para encontrá-lo, é preciso, para o homem, como situa Vinícius com Lacan, *autorizar-se*. O termo reinterpreta a ideia de uma desconstrução do masculino, apologia de nossos dias que costuma desembocar apenas em um pastiche de delicadeza, ridicularizado com razão em nossos dias com o termo *esquerdomacho*. A autorização de uma análise não é essa desidentificação progressiva ideal, que só culminaria em uma negatividade geral insípida, mas sim um *dizer-se* no inominável do feminino, sempre reconfiguração radical de si.

O feminino deixa, assim, de ser um não-ser, mas o livro só o apresentará ao final, por onde o leitor pode começar caso busque uma receita para sua desconstrução. Busca vã, posto que o homem só tem chance se autorizar-se do feminino quando tiver rido de suas trapalhadas fálicas, sofrido com suas soberanias másculas e sentido no corpo o ritmo, não de sua parte mulher, como canta Gil, mas da vida, concreta e irrepresentável, que habita as áreas obscuras de seu próprio corpo.

A entrada em cena do tema da decolonialidade vem ampliar o alcance dessa virada clínica em um plano explicitamente político. Introduce-se um diálogo entre Lacan e a cultura que talvez apenas em terras como as nossas seja possível. Trata-se de resgatar o ser de um gozo negativado sem necessariamente incluí-lo na lógica que o exclui. Melhor mudar de lógica. Em vez do binômio homem-mulher ou sua superação, melhor dar lugar aos variados modos do gozo fálico assim como às múltiplas possibilidades do Outro gozo.

Ao acompanharmos o trajeto do macho em análise, sentimos a necessidade de uma modulação do masculino na própria lógica lacaniana. Ela formaliza a tensão entre um universal forte, paterno, masculino e o múltiplo do gozo feminino. É preciso interrogar de que modo essa formalização da sexualidade se abriria a condições, como a do final de uma análise, em que se incluiria a possibilidade de uma dialética mais fluida, entre universais fracos, de um lado, e multiplicidades vivas, capazes de se organizar socialmente, de outro. Não seriam essas mesmas condições as exigidas em nosso tempo, dado o abalo no edifício colonial, patriarcal?

Vê-se como a psicanálise do macho que este livro propõe vai longe. Mostra como a unificação do campo do gozo pela masculinidade fálica, em seu teatro dos sexos, repartidos exclusivamente nos polos homem e mulher, não pode se sustentar em um tempo em que a reprodução da espécie não exige mais necessariamente a conjunção de corpos anatomicamente distintos. De modo análogo, delinear alternativas à repartição do campo dos viventes em uma dialética de senhor e escravo se torna urgência política em um país em que é cotidiano o genocídio de jovens negros.

Neste contexto, acompanhar a possibilidade, para o macho, de uma travessia de sua virilidade é alentador. *Travessia*, aqui, não é ir a lugar algum, muito mais poder ser atravessado. Machos em análise, vamos da travessia ao *atravessamento*, por experiências de margem, vivência de não-lugares, *heterotopias* no sentido que lhes dá Foucault, aquelas da vida que vivemos enquanto o metrô não chega a seu destino. É a vida das ínfimas grandezas laterais. É a vida da surpresa de heterotopias do prazer no seio do heterossexual, vida da clínica psicanalítica, em que até um *heterotop* pode, com um pouco de sorte, autorizar-se àquela errância perturbada sem a qual só poderia perder-se.